

Gênero e o trabalho da enfermagem em narrativas de experiências vividas na pandemia de Covid-19

Gender and nursing work in narratives of experiences lived in the Covid-19 pandemic

Fernanda Navarro

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Enfermeira Docente na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Email: fe_navarro87@yahoo.com.br

Rebeca Nunes Guedes de Oliveira

Enfermeira Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Email: rebecanunesguedes@gmail.com

Resumo

O estudo tem como objetivo geral compreender, à luz da perspectiva de gênero, o significado que as enfermeiras atribuem às suas experiências vividas como mulheres e profissionais no contexto da pandemia da Covid-19, a partir das suas narrativas orais de histórias de vida. Pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, pautada nos pressupostos teórico-metodológicos da história oral e da perspectiva de gênero. Os dados foram coletados através de entrevista em profundidade e contou com a participação de sete enfermeiras, atuantes em serviços públicos do município de São Caetano do Sul. As narrativas foram gravadas, transcritas e analisadas para apreender os significados, interpretar e discutir à luz da categoria gênero. A partir da interpretação, foram construídas duas categorias: os estereótipos e desigualdades de gênero na construção da identidade das enfermeiras; e a pandemia de Covid-19 potencializando as contradições de gênero na realidade das enfermeiras. Dentre os significados destacaram-se: sobrecarga na rotina enquanto mulher e profissional de enfermagem, exclusão social e preconceito, morte e sofrimento dos pacientes no cotidiano do trabalho. Espera-se que o debate público sobre a relevância social da enfermagem brasileira possa ser traduzido na conquista de direitos que possibilitem condições materiais para o exercício da profissão com justiça social e equidade.

Palavras-chave

Gênero, Enfermeiras, Pandemia, Experiência de Vida, Comunicação.

Abstract

The study's general objective is to understand, from a gender perspective, the meaning that nurses attribute to their experiences as women and professionals in the context of the Covid-19 pandemic, as oral narratives of their life stories. Exploratory research with a qualitative approach, based on the theoretical-methodological assumptions of oral history and gender perspective. Data were collected through in-depth interviews and included the participation of seven nurses, working in public services in the municipality of São Caetano do Sul. The narratives were recorded, transcribed and analyzed to apprehend the meanings, interpret and discuss from the gender category. Based on the interpretation, two categories were constructed: gender stereotypes and inequalities in the construction of nurses' identity; and the Covid-19 pandemic enhancing gender contradictions in nurses' reality. Among the meanings, stood out: routine overload as a woman and a nursing professional, social exclusion and prejudice, death and suffering of patients in their daily work. It is hoped that the public debate on the social relevance of Brazilian nursing can be translated into the achievement of rights that enable material conditions for the exercise of the profession with social justice and equity.

Keywords

Gender, Nurses, Pandemic, Life experience, Communication.

Introdução

O interesse por este estudo emergiu no início da pandemia de Covid-19 no Brasil devido ao protagonismo e visibilidade que a enfermagem ganhou na linha de frente de atuação no atendimento aos pacientes acometidos pelo vírus.

Por ser uma profissão composta, em sua maioria, por mulheres, surgiu o interesse em realizar um estudo para analisar as experiências vividas por estas profissionais e como as questões de gênero influenciaram suas vidas no contexto pandêmico. Conforme publicado no COFEN no dia 19 de março de 2020, as mulheres representavam 85% das equipes de enfermagem (COFEN, 2020).

Cabe ressaltar que a enfermagem é uma profissão que não está pautada única e exclusivamente na dimensão técnica do processo de cuidar, pois, é também, uma prática profissional, científica e social. Enquanto prática social, é condicionada pelo seu contexto de atuação e exerce forte influência na sociedade em que se insere, dando sustentação aos serviços de saúde. Contudo, em uma situação de pandemia, é notório o desgaste físico e emocional destas profissionais, que além de suas jornadas exaustivas no trabalho, carregam o medo diário por estarem colocando os familiares em risco, manifestando-se ainda outros sentimentos como angústia, preocupação, raiva e impotência (MIRANDA *et al.*, 2020).

Essas contradições são muitas vezes invisibilizadas no espaço público e nas mídias que, no contexto pandêmico, associou a profissão à imagem de super-heróis, com narrativas que não descortinam os desgastes e amarras que envolvem as suas experiências e que são potencializadas pelo contexto de crise pandêmica.

Somada à problemática da precarização do trabalho, falta de reconhecimento social e representações históricas a partir de narrativas pejorativas em relação à profissão, as mulheres enfermeiras convivem em seu cotidiano com as amarras das desigualdades de gênero também no espaço doméstico, no qual o trabalho não remunerado e a dupla ou tripla jornada de trabalho se sobrepõe às vulnerabilidades relacionadas ao trabalho no espaço público. Fato este, potencializado no período da pandemia da Covid-19, em que o trabalho doméstico e de cuidado se intensificou, conforme estudo realizado por Gênero e Número e Sempre Viva Organização Feminista (BIANCONI *et al.*, 2020).

O desvelamento da realidade cotidiana de grupos de pouca visibilidade social, como a enfermagem, permitirá um novo olhar sobre a profissão. O trabalho das mulheres, assim como a história da enfermagem, passou de um sistema de exclusão do reconhecimento de seu trabalho no mundo público para um sistema de integração desigual, que permeia até os dias de hoje a profissão (SANTOS, 1999).

Neste contexto, o processo narrativo torna-se indispensável, tanto ao processo de construção da identidade dessas profissionais, quanto para que haja um reconhecimento das experiências vividas e muitas vezes invisibilizadas socialmente. As narrativas, quando comunicadas, permitem uma consolidação do conhecimento e transformação da realidade (ORDAZ, 2011).

A história oficial da pandemia dificilmente exaltarão as amarras e desgastes sofridos pelas profissionais enfermeiras durante suas atuações. Portanto, resgatar as narrativas do cotidiano delas contribuirá para o reconhecimento social da enfermagem enquanto prática científica e profissional. Além disso, permitirá identificar o quanto as desigualdades de gênero que permeiam a vida dessas mulheres influenciam essa prática, que é historicamente feminina

e traz em si todas as heranças da desvalorização dos papéis sociais vinculados ao cuidado e às mulheres (SCALZER e NARDI, 2020).

As narrativas de história de vida das enfermeiras produzem sentidos sobre a história da profissão e sua identidade, descortinando elementos importantes da vida e do trabalho desses sujeitos sociais. Portanto essas narrativas são concebidas como comunicação de interesse público, uma vez que despontam como importante possibilidade de ampliar o reconhecimento social das contradições e vulnerabilidades que envolvem ser mulher e enfermeira no Brasil, em um contexto de crise pandêmica.

A conjuntura, que traveste enfermeiras em heroínas, ao mesmo tempo que exacerba desigualdades e vulnerabilidades sociais, descortina potencialidades historicamente invisibilizadas. Nesse pano de fundo pandêmico, o presente estudo destaca como necessário o reconhecimento da contribuição da enfermagem na realidade brasileira, bem como a visibilidade dos desafios, dificuldades e momentos gratificantes que perpassam essa realidade, por meio da divulgação de suas diferentes formas de expressão, valorizando suas histórias, seu cotidiano e descortinando as contradições, vulnerabilidades e satisfações que permeiam sua vivência nesse contexto.

Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo compreender, à luz da perspectiva de gênero, o significado que as enfermeiras atribuem às suas experiências vividas como mulheres e profissionais no contexto da pandemia da Covid-19, a partir das suas narrativas orais de histórias de vida.

Métodos

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa e foi pautado nos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral.

Para a apreensão do objeto de estudo proposto, o percurso metodológico propôs o levantamento de narrativas orais de histórias de vida de enfermeiras que atuaram na linha de frente da pandemia da Covid-19, através de entrevistas em profundidade.

Estas narrativas foram analisadas à luz da categoria gênero para o alcance do objetivo proposto. O recorte teórico, que alia a História Oral à perspectiva de gênero, propiciou compreender as experiências vividas por mulheres enfermeiras no mundo do trabalho e das relações estabelecidas nos diversos espaços sociais que ocuparam no contexto da pandemia por Covid-19.

O estudo foi desenvolvido com 7 enfermeiras atuantes em serviços públicos de saúde do município de São Caetano do Sul, sendo que cinco atuaram diretamente na linha de frente do atendimento aos pacientes com Covid-19 e duas ocuparam cargos administrativos (gerente e supervisora de enfermagem).

Para a escolha das entrevistadas foi utilizado o tipo de amostragem bola de neve. Dessa forma, duas participantes (sementes) foram selecionadas por acessibilidade e estas, então, indicaram outras pessoas de suas redes de relacionamentos para também participarem do estudo e, assim por diante. Este tipo de amostragem então, é o que caracteriza a bola de neve (VINUTO, 2014).

Foi garantido o anonimato das participantes, decisão pactuada com elas. Dessa forma, cada uma delas escolheu um codinome que faz referência a uma flor, sendo as escolhidas: Orquídea, Bromélia, Rosa, Flor de Maracujá, Lírio, Violeta e Tulipa.

As entrevistas foram norteadas por um roteiro pré-elaborado que permitiu à entrevistadora conduzir a conversa, de tal forma que as participantes puderam narrar

livremente suas histórias de vida. Algo importante no roteiro é que obedeceu uma ordem cronológica da trajetória de vida das entrevistadas, constando origem, formação escolar, influências e marcos significativos, porém, não foi obrigatoriamente seguido com rigor, pois no decorrer dos relatos, as entrevistadas puderam desviar de determinados assuntos, até mesmo por não se sentirem à vontade de falar sobre eles (FREITAS, 2006).

Como o estudo ocorreu com a pandemia da Covid-19 em curso, sendo ainda exigidas medidas sanitárias de isolamento social, as entrevistas ocorreram de forma *on-line* através de vídeo chamadas. Antes de iniciar, as participantes receberam, via aplicativo de mensagem, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido elaborado no modelo online, após concordarem em participar e devolverem o termo preenchido por e-mail, era gerado um *link* para dar início à reunião. As entrevistas ocorreram entre 21/04/2021 e 22/07/2021 e o tempo de duração de cada uma variou de 60 a 90 minutos. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da [suprimido para avaliação cega], sob protocolo número [suprimido para avaliação cega].

O encerramento das entrevistas ocorreu quando a amostra atingiu o ponto de saturação, ou seja, quando os dados começaram a ser repetitivos, de tal forma que nenhuma informação adicional seria relevante para alterar a compreensão do objeto de estudo (GIL, 2019).

O tratamento e análise das narrativas constituíram um processo complexo e cuidadoso desde a transcrição, de tal modo que foi mantido, tão quanto possível a fidedignidade dos relatos orais, que transcenderam as palavras enunciadas na gravação. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, sendo que este processo foi orientado por estudos da memória e da história oral.

Na abordagem do dinamismo de um determinado problema social, sob o viés da pesquisa qualitativa, há várias técnicas de análise. No presente estudo, partiu-se da premissa de interpretar no texto, o nível mais abstrato e temático, com o qual se articula a ele. Para tal, foram agrupados os elementos significativos ou temas que se confirmam num mesmo plano de significado, percorrendo o texto inteiro, tentando localizar todas as recorrências, isto é, todos os temas que conduzem a um mesmo bloco de significação (FIORIN; SAVIOLI, 2007).

Foi feita uma análise de modo a alcançar profundidade na interpretação para apreender os significados das narrativas.

No percurso da análise, foram percorridas as seguintes etapas:

- 1) Leitura exaustiva do material na íntegra.
- 2) Identificação de temas.
- 3) Organização do texto a partir dos temas que conduziram a um mesmo bloco de significação.
- 4) Agrupamento dos blocos em categorias que foram interpretadas e discutidas com base no referencial teórico.

Dessa forma, para alcançar os objetivos do estudo, foram encontrados os temas dentro das histórias contadas pelas entrevistadas e, a partir destes, os textos foram organizados e estruturados, organizados em blocos ou categorias que evidenciam os significados que emergiram dos depoimentos de cada entrevistada na construção de suas narrativas orais de histórias de vida (Fiorin, 2011).

Gênero e o trabalho da enfermagem

Durante muito tempo, os conhecimentos relacionados à área da enfermagem não

estiveram pautados em saberes científicos, mas sim ao simples ato de servir e cuidar. Qualquer mulher, independente de classe social e/ou grau de instrução, poderia estar inserida neste contexto, colocando em prática suas vivências e experiências do ambiente doméstico (PASSOS, 2012).

No Brasil, os serviços de saúde foram instaurados por leigos e religiosos e isso perdurou por três séculos (1549-1759). Acreditava-se que cuidar era um ato de caridade e de amor ao próximo. Somando esta condição com as características femininas da profissão, resultou nos preconceitos que permeiam a enfermagem até os dias atuais (PASSOS, 2012).

Isto posto, é fundamental analisar as relações entre o feminino e o campo da enfermagem, a fim de desvelar as relações de gênero no desempenho dos papéis destas profissionais, além da divisão sexual do trabalho, levando em consideração a questão dos saberes científicos abordados anteriormente.

Segundo Fonseca (2008, p. 1),

O conceito de *gênero* surgiu na década de 80 nos estudos feministas para compreender as relações estabelecidas entre mulheres e homens, referindo-se ao sexo social e historicamente construído. A sua vinculação inicial a papéis sexuais subjaz à visão funcionalista, por ser pensada em termos da especificidade em relação a um modelo ou à complementaridade de posições sociais entre os sexos. Atualmente, a concepção de gênero tem sido mais abrangente no sentido de buscar a compreensão das relações sociais historicamente construídas que se estabelecem entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e homens e homens, na tentativa inclusive de romper com a dualidade homem/mulher e romper as amarras da heterossexualidade.

Dessa forma, o conceito de gênero não está relacionado única e exclusivamente às diferenças biológicas entre homens e mulheres. Trata-se de um termo muito mais abrangente, pois é engendrado nas relações de poder que são expressas nas relações sociais (PEREIRA, 2011).

A construção histórica e social da enfermagem como trabalho predominantemente exercido por mulheres engendrou estereótipos e estigmas sociais acerca da profissão relacionado à construção de gênero. As enfermeiras são reconhecidas como prestadoras de cuidados, dotadas de caridade e benevolência, com o baixo *status* social que permeia as profissões socialmente associadas ao feminino. A atuação dos homens na área também é alvo de preconceitos, estranhamento e questionamentos em relação à masculinidade desses profissionais, que frequentemente são direcionados a atuar em setores que exigem força física, a exemplo da ortopedia, emergência e psiquiatria (PEREIRA, 2011).

Entender toda esta trajetória histórica é fundamental para dar sentido às desigualdades de gênero que permeiam o trabalho da equipe de enfermagem, a desvalorização social do trabalho e a baixa remuneração (MARINHO; GONÇALVES, 2020).

Narrativas orais de histórias de vida, identidade e cidadania

Para trazer à tona histórias passadas, é necessário a busca por narração das experiências dos sujeitos. Conforme Sarlo (2007, p. 24-25),

Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum.

Cada indivíduo é testemunha e componente de uma história e pode narrar sua trajetória de vida e suas experiências. As narrativas orais dos sujeitos não devem ser consideradas menos verdadeiras quando comparadas às histórias oficiais e, é importante considerar, que cada um narra a partir de sua subjetividade, ou seja, a partir de seu entendimento sobre o mundo e da percepção sobre si mesmo (PERAZZO, 2015).

Segundo Mendonça (2006, p. 37), “Esta abordagem teórica [...] nos leva a indagar sobre as formas ‘populares’ (ou subalternas) de produzir cultura e subjetividade”. Buscando então sentido e significado para isso, é possível perceber uma busca por reconhecimento destas classes subalternas (MENDONÇA, 2006).

Na perspectiva dos estudos culturais, há uma relação clara entre comunicação e cultura, contemplando diversos aspectos como identidade, memória, história, práticas sociais e meios de comunicação (Gimenez, 2011). Desta forma, ao narrar uma experiência, o indivíduo está se comunicando por meio da expressão da sua cultura e da sua memória, sobretudo fazendo emergir o passado e os microprocessos do cotidiano e da vida social (PERAZZO, 2015).

É neste sentido que se percebe a contribuição dos estudos culturais na relação entre comunicação e cultura já citada. Ou seja, caminhar em busca de novos sentidos, percepções e interpretações sobre a forma de representar o mundo (MENDONÇA, 2006).

Aquele que narra sua história, coloca o passado no presente e se auto representa pelo seu discurso e até mesmo por suas expressões corporais. Desta forma, os gestos podem produzir novos sentidos para as situações relatadas. O ouvinte, estando atento a todos estes detalhes, faz um papel de intérprete das narrativas (VERGARA, 2005).

Posto tudo isso, ao refletir sobre as enfermeiras e as narrativas de suas experiências de vida, é possível reconhecer a relevância destas histórias para o reconhecimento da profissão, que durante longos anos caminha para se afirmar com condições de trabalho dignas e justas (ORDAZ, 2011).

É importante ressaltar que as experiências discursadas por estas profissionais devem ser valorizadas, visando mudanças nas adversidades que assolam a profissão no tempo presente. As narrativas devem ser vistas como um meio de representar o mundo, com possibilidades de promover transformações em situações reais (RIBEIRO, 2007).

Levando-se em consideração que a identidade da profissional enfermeira é marcada por uma cultura que permeia a profissão desde os primórdios de sua história, que a caracteriza como submissa à categoria médica, além de trazer sempre a ideia de um ser de bondade dotado de caridade, não levando em consideração os saberes científicos que consolidam a profissão, as narrativas orais de suas experiências são fundamentais para modificar sua identidade e representação social (QUEIRÓS, 2015).

Segundo Queirós (2015, p. 49),

O processo de construção da identidade profissional da enfermeira decorre de seus saberes, sua história, sua inserção nas diversas instâncias políticas bem como das relações que estabelece com os demais profissionais da área e com as pessoas a quem presta cuidados.

Dessa forma, segundo Moreira *et al.* (2020, p. 117), “[...] para que os profissionais de enfermagem avancem, precisa-se reforçar sua identidade profissional, tanto no âmbito da própria categoria, como socialmente [...]”.

Segundo Hall (2006, p. 7), “A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social”. Ele aborda o assunto “crise de identidade”, quando argumenta que as velhas identidades, que por muito tempo estabilizaram o mundo social, encontram-se em

queda, resultando no surgimento de novas identidades. O indivíduo que até então era visto como unificado, passa a ser fragmentado no mundo moderno (HALL, 2006).

Esta reflexão acerca da reconstrução da identidade profissional, está coligada com o processo narrativo, que traz o passado para o presente como uma forma de representação da experiência vivida e, então, o ouvinte constrói o saber sobre o verdadeiro contexto de vida daquele grupo, que passa a ser reconhecido (ORDAZ, 2011).

Resultados e discussão

Em síntese, os dados de caracterização das participantes mostram que entre as sete entrevistadas, a idade variou entre 32 e 63 anos de idade. Seis entrevistadas se declararam de cor branca e uma de cor amarela. Quanto ao estado civil, três informaram ser casadas, uma em união estável, uma divorciada, uma separada e uma solteira. Quanto à escolaridade, seis informaram ter pós-graduação. Uma informou não possuir filhos, as demais possuíam entre um e três filhos.

As narrativas das participantes foram submetidas à análise interpretativa de modo a apreender os seus significados, que estão apresentados a partir das categorias e temas no quadro 1.

Quadro 1 – Categorias e subcategorias que resultaram da análise das narrativas. São Caetano do Sul, 2021.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	TEMAS
Os estereótipos e desigualdades de gênero na construção da identidade das enfermeiras	Significados relacionados a estereótipos e papéis de gênero nas brincadeiras de infância	Infância
		Brincadeiras preferidas
	Casamento e família nuclear: contradições entre o ideal e o real	Relações familiares
		Relacionamentos afetivos
		Concepções de família
	Maternidade e cuidados com os filhos como função social das mulheres	Maternidade – exigência
		Paternidade – ausência
		Sobrecarga da tripla jornada
	Escolha da enfermagem: profissionalização do cuidado concebido como função feminina	Escolha da profissão
		Realidade e condições de trabalho
A pandemia de Covid-19 potencializando as contradições de gênero na realidade das enfermeiras	Sobrecarga na rotina enquanto mulher e profissional de enfermagem	Trabalho doméstico
		Afastamento dos filhos
		Medo da contaminação
		Cuidados com familiares
	Condições de trabalho e desgastes produzidos pela pandemia	Vulnerabilidade à infecção por Covid-19
		Comprometimento de hidratação e alimentação em razão dos EPIs
		Desgastes na saúde mental

	A proximidade com a morte e o sofrimento dos pacientes e familiares no cotidiano do trabalho	Morte no cotidiano
		Relação com paciente e seus familiares
		Proximidade com pacientes
	Exclusão social e preconceito: a contradição heroína x vilã	Presenciando medo e sofrimento
		A associação com os super-heróis
	A enfermagem por amor como discurso que sobrevive às amarras da realidade de trabalho	Exclusão social e preconceito
		Experiências gratificantes
		Expectativas para o futuro com relação à profissão

Fonte:

Na categoria Os Estereótipos e Desigualdades de Gênero na Construção da Identidade das Enfermeiras constam fragmentos das narrativas das entrevistadas sobre suas histórias de vida. Todas narraram desde o momento em que foram concebidas pelos seus pais, passando por todas suas trajetórias de vida, até a escolha da profissão enfermagem.

Rememorar o passado desencadeou em muitas delas sentimentos que oscilaram entre tristeza e alegria, sendo perceptíveis a partir do choro, das risadas, das pausas e suspiros, da expressão facial e também da voz embargada.

Em todos os significados evidenciados nas narrativas, foi possível afirmar que as amarras de gênero influenciaram a vida e a construção da identidade das mulheres enfermeiras desde a infância até a fase adulta. Essa construção revela-se naturalizada nas narrativas, sendo para elas situações tão corriqueiras ou que não são compreendidas como um problema. Observa-se que as desigualdades na vida pessoal e profissional, embora se traduzam em desgastes cotidianos, são evidenciadas nas narrativas das enfermeiras, contudo, em praticamente nenhuma das narrativas pôde-se evidenciar questionamentos ou até mesmo demonstração de sentimento de indignação sobre os temas abordados.

Os discursos, nesta categoria, evidenciaram enfermeiras que, quando crianças, exerceram a liberdade de brincar na rua e do que quisessem, embora, nos dias de hoje, suas narrativas associem essas preferências a brincadeiras de meninos. Ao longo de suas constituições enquanto mulheres e profissionais, idealizaram o casamento e a família nuclear, cujas realidades se constituíram de maneira contraditória, quando precisaram assumir sozinhas os cuidados e a provisão material da família, em uma sociedade que normatiza o cuidado com os filhos como uma função feminina.

Sentimento de gratificação e de realização com a profissão foi evidenciado como discurso, amparado na relevância do trabalho da enfermagem para com a vida dos clientes. Contudo, a insatisfação com os baixos salários e falta de reconhecimento revelaram-se como processos contraditórios em relação à relevância social do trabalho dessa categoria profissional.

Na categoria A Pandemia de Covid-19 Potencializando as Contradições de Gênero na Realidade das Enfermeiras foram apresentadas as histórias narradas pelas enfermeiras sobre suas atuações profissionais durante a pandemia e as repercussões em suas vidas pessoais e sociais.

Estes resgates da memória das entrevistadas fizeram emergir muitos sentimentos e

emoções durante as entrevistas. O choro, a expressão facial de tristeza e a voz embargada estiveram presentes em muitos relatos de suas experiências durante este momento tão crítico vivenciado por toda a humanidade.

As dificuldades nas relações familiares, principalmente com os filhos, foram tema constante nas narrativas de história de vida. Foram evidenciados nas narrativas os medos e preocupações que se fizeram presentes no dia-a-dia destas enfermeiras que atuaram na linha de frente da pandemia da Covid-19. Embora sempre se enfatizou que as crianças não constituíam os grupos de risco, pouco conhecimento se tinha sobre a doença, principalmente no início. Dessa forma, foi alarmante para estas mulheres conviverem diariamente com o medo de carregarem o vírus para dentro de suas casas e contaminarem seus filhos, de tal forma que algumas optaram pelo afastamento, o que causou muito sofrimento (CARLOS *et al.*, 2020).

O contexto crítico da pandemia da Covid-19 deixa claro o quanto a vida das enfermeiras foi comprometida no âmbito familiar, sendo necessário que as instituições de saúde repensem políticas mais estruturantes para que estas mulheres, que também exercem o papel de mães possam ser, segundo Carlos *et al.* (2020, p. 11), “[...] colocadas numa posição de igualdade e segurança para o exercício pleno da profissão e da relação intrafamiliar saudável [...]”.

A situação de crise gerada pela pandemia da Covid-19, que acarretou no confinamento familiar, intensificou a estafa que as mulheres sofreram pelo fato de serem consideradas “as cuidadoras do mundo”. Este aspecto privou muitas delas da chance de terem suas quarentenas garantidas para garantir a de outras pessoas (SANTOS, 2020).

No contexto pandêmico, foi muito comum de observar representações midiáticas das enfermeiras como heroínas. Aplausos nas janelas, manifestações artísticas, postagens em redes sociais e outras mídias veicularam a imagem da enfermeira heroína ou anjo, não fazendo alusão às dificuldades da realidade enfrentadas por elas na linha de frente de atuação ao combate do coronavírus, como o uso de roupas e equipamentos desconfortáveis, que muitas vezes feriram seus rostos e as privaram de suas necessidades físicas básicas, acarretando em riscos biológicos (BEGNINI *et al.*, 2021).

Contudo, o discurso que emergiu dos relatos evidenciou a contradição entre significados associados à imagem de heroína e de vilã na realidade das enfermeiras. Aplaudidas pelas janelas e representadas pelas mídias como heroínas essas mulheres também foram tratadas como hospedeiras do vírus nas suas relações cotidianas, o que impactou, desde as relações familiares até as atividades corriqueiras, como o transporte entre a casa e o trabalho.

Os relatos das experiências marcantes vivenciadas por estas enfermeiras, fizeram emergir muitas emoções durante suas narrativas que influenciaram na produção de desgastes na saúde mental de muitas delas. Além disso, em muitos dos depoimentos, foi notório o quanto a dor do outro refletiu diretamente na vida destas profissionais.

O cenário pandêmico foi marcado, deste o início, por um cenário de crise e sofrimento. Situações de significativo desgaste se apresentavam cotidianamente nas diferentes realidades, marcadas por afastamento dos entes queridos e das atividades no meio social, além de pessoas adoecendo e morrendo em massa. Nesta perspectiva, segundo Santos *et al.* (2020, p. 8), “[...] é preocupante a dimensão da dissociação da experiência do cuidado vivida pelas mulheres trabalhadoras, que implica uma renúncia de si para cuidar do outro”.

Ao se fazer uma reflexão de todas as condições já analisadas anteriormente, que evidenciaram o quanto a vida das mulheres enfermeiras foi mais afetada em diferentes aspectos, principalmente aqueles voltados para o cuidado, seja no âmbito público ou privado, não causa estranheza afirmar que, conseqüentemente, o adoecimento psíquico foi mais

frequente nestas profissionais.

A sobrecarga das duplas ou triplas jornadas de trabalho, associadas às situações de *stress* experimentadas no *front*, como o risco de contaminação pelo vírus e disseminação do mesmo no ambiente doméstico, uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) que as privaram de coisas básicas, como ir ao banheiro, sem contar as vivências traumáticas com os atendimentos e mortes de pessoas em massa, foram aspectos que influenciaram no comprometimento da saúde mental das enfermeiras. Consequentemente, isso acarretou em afastamentos, comprometendo a qualidade do atendimento prestado à população (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

A enfermagem já era uma categoria profissional socialmente desvalorizada antes mesmo da pandemia da Covid-19. Historicamente constituem pauta da categoria profissional os baixos salários, as rotinas de trabalho extenuantes e as jornadas excessivas. Essas questões foram intensificadas durante o cenário pandêmico. Conforme Baggentoss, Ferreira e Godoi (2021, p. 9), “Percebe-se, aí, como a associação da feminização da ocupação mencionada, a pandemia e a ausência de uma postura compromissada governamental atinge as mulheres que ocupam esta função”.

É notório que, mesmo diante da situação extrema provocada pela pandemia da Covid-19, não existem perspectivas para reconhecimento e valorização social e econômica da profissão, deixando evidente que apenas agravou a precarização do trabalho (MELO *et al.*, 2021).

Neste contexto, é possível trazer um comparativo da participação das mulheres enfermeiras na Primeira Guerra Mundial, que na época, até alcançaram um certo reconhecimento e apoio por parte da sociedade e do Estado. Inclusive, foi o momento crucial para a profissionalização da enfermagem, porém não atingiram o direito à cidadania plena (ROCHA, 2020).

Tudo isso vai ao encontro com a abordagem do trabalho relacionado ao cuidado, que majoritariamente é realizado pelas mulheres e historicamente é desvalorizado e mal remunerado. Para Santos *et al.* (2020, p. 8), “O trabalho feminino é atravessado por relações de saber-poder que atribuem às mulheres uma ‘vocação’”.

Em tempos de pandemia, a vida das mulheres foi demasiadamente comprometida se comparada à dos homens e, isso se deve, justamente ao trabalho doméstico, o cuidado com os filhos, com os idosos e até mesmo com familiares enfermos. Além deste domínio, vale ressaltar, mais uma vez, que estas atribuições tratadas como “privativas” das mulheres foram historicamente e culturalmente construídas na sociedade. A crise pandêmica potencializou o trabalho não remunerado, que já era exaustivo e sobrecarregava as mulheres anteriormente (SANTOS, 2020).

Se fizermos uma reflexão acerca da história, as enfermeiras já foram integrantes fundamentais na linha de frente das piores situações vivenciadas pela humanidade, como guerras, catástrofes, epidemias e pandemias. Florence Nightingale, que atuou como voluntária na Guerra da Criméia de 1854 a 1856, por exemplo, deixou um legado que repercutiu sobremaneira na pandemia da Covid-19. Ela foi pioneira no uso de gráficos para demonstrar dados epidemiológicos e, provar naquela época para o exército, que era fundamental adotar medidas de precauções sanitárias para reduzir as taxas de morbidade e mortalidade (PADILHA, 2020).

Seguindo, ainda, a linha do tempo, Anna Nery, que foi considerada a primeira enfermeira no Brasil e atuou em 1860 nos cuidados aos feridos na Guerra do Paraguai. Além destas já citadas, há também inúmeras outras que atuaram na Primeira e Segunda Guerra Mundiais e assim por diante, até os dias atuais (PADILHA, 2020). Porém, segundo Padilha (2020, p. 7), “[...] quase todas, sem exceção, ficaram conhecidas apenas em teses de

doutorado, dissertações de mestrado, artigos publicados, mas continuaram invisíveis ao grande público”.

Por fim, cabe destacar que estas mulheres enfermeiras, carregaram em meio a pandemia da Covid-19, exaustão física e emocional, além de marcas pelo corpo, provocadas pelos EPIs, que por muitas vezes, além de ferir, impossibilitaram estas profissionais de irem ao banheiro e beberem água (MELO *et al.*, 2021).

As palmas nas janelas e título de heroínas em meio ao combate de um vírus tão devastador não serão suficientes. Se faz necessária valorização a partir de um piso salarial estabelecido e redução da carga horária de trabalho da categoria profissional. Mesmo com toda a visibilidade que a enfermagem ganhou no enfrentamento da pandemia de Covid-19, ainda são vigentes os antigos desafios, pois segundo Melo *et al.* (2020, p. 3), “[...] permanece a ideologia de que as mulheres podem fazer qualquer trabalho (desde que considerado economicamente pouco importante), por qualquer preço e com qualquer jornada”.

Para que se atinja o merecido reconhecimento da profissão, deve-se problematizar a ideia “Enfermagem por Amor” e reforçar a identidade profissional, para que seja abarcada como uma prática social extremamente importante na promoção da saúde, prevenção dos agravos das doenças e também no gerenciamento dos custos econômicos em prol do SUS. São práticas que se sobrepõem ao empirismo, exigindo muito conhecimento técnico e científico destas mulheres (MOREIRA *et al.*, 2020).

Durante a pandemia da Covid-19, por mais perceptível que seja a visibilidade que a profissão ganhou nas mídias, o teor das informações não conduz ao reconhecimento do valor e da importância que o trabalho das enfermeiras tem na concretização do Sistema Único de Saúde (SUS). Enxergar estas profissionais como corajosas, que colocam suas vidas em risco em prol da vida de outras pessoas, não é uma forma de reconhecimento desejável, pois elas têm um papel fundamental no setor saúde, que impacta, desde a qualidade de vida, até a economia do país. Ou seja, elas têm uma importante participação nas esferas social e política, que vai muito além da imagem de “super-heroínas” (VENTURA-SILVA *et al.*, 2020).

Segundo Forte e Pires (2020, p. 6),

[...] guardar as memórias desse momento histórico pode servir de alicerce para lembrar a sociedade e aos formuladores de políticas que nos piores momentos da humanidade, essa profissão não deixou de estar presente. Portanto, que não sejam esquecidas as palmas na janela e os agradecimentos pelo heroísmo, para que a profissão possa desfrutar de seu merecido reconhecimento.

Considerações finais

O presente estudo possibilitou, a partir da análise de narrativas de histórias de vida de enfermeiras que atuaram na pandemia da Covid-19, compreender a construção de gênero em suas trajetórias de vida. Em todas as experiências narradas foi possível identificar a influência das relações de gênero que perpassam a profissão advindas da historicidade, atravessando todos os caminhos e influenciando diretamente na atuação destas profissionais no contexto pandêmico.

O discurso que emergiu dos depoimentos revelou desgastes, advindos principalmente das cobranças que, muitas vezes, atribuíram a si mesmas, dentre elas o trabalho doméstico, cuidado com os filhos, o sonho de casar e constituir uma família, evidenciando o discurso da idealização do casamento e da família nuclear. Esse discurso revela contradições entre o que é

idealizado como propósito em suas trajetórias e a realidade que se concretiza na história de vida das enfermeiras.

A sobrecarga de trabalho ao acumular funções na esfera do trabalho doméstico e da vida profissional se destaca nas narrativas das participantes, que evidenciam a potencialização da sobrecarga quando desconstroem o modelo de família nuclear idealizado e assumirem sozinhas suas famílias, desde a provisão econômica e aos cuidados com os filhos.

É evidente que estas são exigências impostas pelas normas sociais forjadas a partir de uma construção histórica e cultural fundada no gênero, que faz recair sobre a mulher algumas das responsabilidades supracitadas. Dessa forma, elas relataram suas trajetórias reiterando a naturalização dos papéis sociais relacionados à maternidade e ao cuidado como inerentes à suas identidades enquanto mulheres, revelando a aceitação das condições prescritas, sem questionamento.

A partir das histórias orais foi possível compreender também o significado que as entrevistadas atribuíram às suas experiências vividas como mulheres e profissionais no contexto da pandemia da Covid-19.

As narrativas revelaram os desgastes e fortalecimentos que influenciaram na construção da identidade destas profissionais no cenário pandêmico, além das contradições relacionadas ao exercício da profissão.

Dentre os principais significados que as enfermeiras atribuíram às suas experiências vividas como mulheres e profissionais durante a pandemia, destacaram-se as relações familiares e afastamento dos filhos, a rotina enquanto mulher e profissional de enfermagem, levando em conta o trabalho no espaço público e doméstico, experiências marcantes nos atendimentos, principalmente nos momentos mais críticos, os prejuízos que acometeram a saúde física e mental, a exclusão e o preconceito sofridos nas vivências sociais e familiares, além dos sentimentos e expectativas com relação ao futuro da profissão após a pandemia.

É importante salientar que o estudo possui limitações, pois ocorreu enquanto a pandemia da Covid-19 ainda estava instalada ao redor do mundo. Dessa forma, após as entrevistas, as profissionais enfermeiras continuaram suas jornadas e talvez, possam ter experimentado diversas outras situações diferentes das relatadas. Portanto, não tem como afirmar que o comprometimento da saúde mental delas, por exemplo, manteve-se da forma como narraram, nem tampouco que após o término da pandemia houve alguma alteração no que diz respeito aos direitos trabalhistas destas profissionais.

Espera-se que os achados evidenciados nas narrativas fomentem outros estudos e também o debate público sobre a relevância social da enfermagem brasileira, para que o reconhecimento dessas trajetórias possa ser traduzido na conquista de direitos que possibilitem condições materiais para o exercício da profissão com justiça social e equidade.

Referências

BAGGENTOSS, Grazielly Alessandra; FERREIRA, Tayná; GODOI, Bárbara Koplass Locks de. A precarização do trabalho das mulheres enfermeiras na pandemia: a responsabilidade do estado brasileiro perante a organização internacional do trabalho. **Teoria Jurídica Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 1-36, maio 2021.

BIANCONI, Giulliana **et al.** Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. **Gênero e Número e Sempreviva Organização Feminista**, [s. l], p. 5-52, jan. 2020. Disponível em: http://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 03 out. 2020.

CARLOS, Diene Monique **et al.** A experiência dialógica entre ser mãe de criança e enfermeira na pandemia da covid-19. **Texto & Contexto Enfermagem**, [s. l], v. 29, p. 1-14, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Enfermeiras na linha de frente contra o coronavírus**. 2020. Disponível em: www.cofen.gov.br/enfermeiras-na-linha-de-frente-contr-o-coronavirus_78016.html. Acesso em: 06 abr. 2020.

FIORIN, José Luiz. Os gêneros do discurso. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011. Cap. 3. p. 26-31.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007. 432 p.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Gênero como categoria para a compreensão e a intervenção no processo saúde-doença. **PROENF- Programa de atualização em Enfermagem na saúde do adulto**. Porto Alegre: Artmed/Panamericana, 2008, v. 3, p. 9-39.

FORTES, Elaine Cristina Novatzki; PIRES, Denise Elvira Pires de. Os apelos da enfermagem nos meios de comunicação em tempos de coronavírus. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, supl. 2, p. 1-7, 10 jul. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v73s2/pt_0034-7167-reben-73-s2-e20200225.pdf. Acesso em: 16 nov. 2020.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 142 p.

GIL, Antonio Carlos. Pesquisa social. In: GIL, Antonio Carlos. **Análise de dados qualitativos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. Cap. 16. *E-book* (s.p.).

GIMÉNEZ, Gilberto. Comunicación, cultura e identidade: reflexiones epistemológicas. **Cultura e Representaciones Sociales**, [s. l], año 6, n. 11, p. 109-132, set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/crs/v6n11/v6n11a5.pdf>. Acesso em 7 jul. 2020.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2006. Cap. 1. p. 7-22. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

MARINHO, Heloana; GONÇALVES, Natália Peccin. Trabalho em saúde no Brasil: quem está por trás das máscaras?. **Revista Movimento: crítica, teoria e ação**, São Paulo, maio 2020. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2020/05/trabalho-em-saude-no-brasil-quem-esta-por-tras-das-mascaras/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MELO, Cristina Maria Meira de **et al.** PANDEMIA DA COVID-19: algo de novo no trabalho da enfermeira?. **Rev Baiana de Enferm**, [s. l], v. 35, p. 1-7, 2021.

MENDONÇA, Maria Luiza. Comunicação e cultura: um novo olhar. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Paulistanas, 2006. Cap. I. p. 27-38.

MIRANDA, Fernanda Moura D'Almeida **et al.** Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a covid-19. **Cogitare Enfermagem**, [s. l], v. 25, 7 maio 2020. Universidade Federal do Parana. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/72702/pdf>. Acesso em: 03 out. 2020.

MOREIRA, Maria Rosilene Cândido **et al.** Enfermagem na pandemia da Covid-19: análise de reportagens à luz da teoria do reconhecimento. **Enfermagem em Foco**, Ceará, v. 11, n. 1, p. 116-123, jan. 2020.

ORDAZ, Olga. O uso das narrativas como fonte de conhecimento em enfermagem. **Pensar Enfermagem**, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 70-87, set. 2011. Disponível em:

- http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23944/1/2011_15_1_70-87.pdf. Acesso em: 06 abr. 2020.
- PADILHA, Maria Itayra. De Florence Nightingale à pandemia covid-19: o legado que queremos. **Texto & Contexto Enfermagem**, [s. l], v. 29, p. 1-14, 2020.
- PASSOS, Elizete. A enfermagem e sua destinação feminina. In: PASSOS, Elizete. **De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2012. Cap. 1. p. 17-39. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/mnhy2/pdf/passos-9788523211752-03.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- PASSOS, Elizete. A reprodução das relações de gênero na enfermagem brasileira. In: PASSOS, Elizete. **De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2012. Cap. 2. p. 41-75. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/mnhy2/pdf/passos-9788523211752-03.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. Narrativas orais de histórias de Vida. **Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS**, São Paulo, ano 2015, v. 16, n. 30, p. 121-131, 26 jan. 2015. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754/1672. Acesso em: 1 jul. 2020.
- PEREIRA, Audrey Vidal. Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros. **Cad. Esp. Feminino**, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 49-77, jun. 2011. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754/1672. Acesso em: 10 jul. 2020.
- QUEIRÓS, Paulo Joaquim Pina. Identidade profissional, história e enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**, [s. l], p. 45-54, nov. 2015.
- RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Visões e perspectivas: documento em história oral. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **Oralidades: revista de história oral**, São Paulo, ano. 1, n. 2, p. 35-44, jul./dez. 2007.
- ROCHA, Elaine Pereira. Guerreiras ou Anjos? As Mulheres Brasileiras e a Grande Guerra. **Revista Estudos Feministas**, [s. l], v. 28, n. 3, p. 1-15, 2020.
- SANTOS, Boaventura Souza de. A construção multicultural da igualdade e da diferença. Oficina do CES, Coimbra-Portugal, n.135, jan. 1999.
- SANTOS, Boaventura Souza de. A sul da quarentena. In: SANTOS, Boaventura Souza de. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020. Cap. 3. p. 1-10.
- SANTOS, Gabriela de Brito Martins **et al.** Cuidado de si: trabalhadoras da saúde em tempos de pandemia pela covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, [s. l], v. 18, n. 3, p. 1-13, 2020.
- SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. In: SARLO, Beatriz. **Tempo: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: UFMG, 2007. Cap. 2. p. 23-44. Tradução de: Rosa Freire d’Aguilar.
- SCALZER, Kamila; NARDI, Milena Bertollo. Mulheres e Covid-19: reflexões sobre a luta por direitos. **Ifes Ciência**, [s. l], v. 6, n. 1, p. 73-82, jan. 2020. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ric/article/view/807/560>. Acesso em: 11 out. 2020.
- TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza **et al.** A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l], v. 25, n. 9, p. 3465-3474, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v25n9/1413-8123-csc-25-09-3465.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

VERGARA, Gloria. Palabra en movimiento: principios teóricos para la narrativa oral. **Revista del Centro de Ciencias del Lenguaje**, México, n. 31, p. 45-66, jun. 2005.

Disponível em:

http://cmas.siu.buap.mx/portal_pprd/work/sites/escritos/resources/LocalContent/22/2/gvergara.pdf. Acesso em: 24 set. 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, dez. 2014. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250>. Acesso em: 10 out. 2020.

